

O USO BRASILEIRO DO PORTUGUÊS E A MANUTENÇÃO DA NORMA CULTA PADRÃO

OLIVEIRA, Carlla Larissa Araujo.
carllinha_17@hotmail.com

LIMA, Caroline Barbosa.
cc_lispector@hotmail.com

SANTOS, Ellen Fuller Bispo.
ellenfullerbs@ yahoo.com.br

GALLY, Christianne (orientadora).

Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe (1987); Mestre em História da Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2004); professora Adjunta III da Universidade Tiradentes e revisora da Universidade Aberta do Brasil
christianne.gally@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo enfatizar o uso da norma culta do Português Brasileiro, representando certas diferenciações entre a Gramática Tradicional e a Sociolingüística. No Brasil Colonial viviam indígenas e, posteriormente, escravos africanos, os quais contribuíram para a heterogeneidade da Língua, além da imitação e importação de modelos estrangeiros como meio de busca de desenvolvimento sócio-cultural. A análise da Língua Portuguesa foi questionada através de oito mitos estabelecidos pelo sóciolingüista Marcos Bagno em seu livro “Preconceito Lingüístico”, o qual se opõe ao estilo gramatical tradicionalista, aderido em Pasquale Cipro Neto. Tais mitos foram constituídos para intensificar o fato de que o povo brasileiro vive em função de ilusões atribuídas à Linguagem. As informações para a elaboração deste artigo científico foram recolhidas através de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica e eletrônica, tendo em ênfase o autor Marcos Bagno, com a

finalidade de apresentar a importância atribuída à linguagem necessária para a comunicação da sociedade brasileira.

Palavras-chave: identidade lingüística, sociolingüística, gramática tradicional

ABSTRACT:

This work has objective emphasize to the use of the cultural norm of the Brazilian Portuguese, representing certain differentiations between the Traditional Grammar and the Sociolinguistic. In Colonial Brazil lived indigene and, later, African slaves, which had contributed will be the heterogeneity of the Language, beyond the imitation and importation of foreign models and middle of search of sociocultural development. The analysis of the Portuguese Language was questioned through eight myths established for sóciolingüísta Marcos Bagno in its book “Linguistic Preconception”, which if opposes to the traditionalistic grammatical style, adhered in Pasquale Cipro Grandson. Such myths had been constituted to intensify the fact of that the Brazilian people lives in function of illusions attributed to the Language. The information will be the elaboration of this scientific article had been collected through qualitative research of the bibliographical and electronic type, having in emphasis author Marcos Bagno, with the purpose to present the importance attributed to the necessary language to the communication of the Brazilian society.

Word-key: Identity linguistic, Sociolinguistic, Grammar Traditional.

O USO BRASILEIRO DO PORTUGUÊS E A MANUTENÇÃO DA NORMA CULTA PADRÃO

A construção da norma culta da língua portuguesa

No período de colonização, o Brasil era formado por populações indígenas. Posteriormente, devido às fortes exigências do trabalho e a não resistência física dos índios, foi obrigado a importar escravos africanos, atribuindo um novo problema em termos de assimilação e incorporação à cultura portuguesa. É evidente, portanto, que entre estes negros,

índios e mestiços tenha se formado uma linguagem de gente “inculta”, conhecida como “crioulo”.

A partir do século XX, a norma teve uma nova esperança em relação à sua divulgação. Os meios de comunicação tornavam-se mais modernos numa sociedade cada vez mais industrializada e apresentavam um maior crescimento urbano, resultando com isso uma democratização dos padrões culturais e lingüísticos. Em 1922 foi inaugurado o Movimento Modernista, o qual se fortaleceu, principalmente, em relação à identidade cultural do povo brasileiro: a língua. Esta tal “identidade” foi explorada, trabalhada, recriada por vários escritores, entre eles, Oswald de Andrade com o seu poema “Pronominal”:

Dê-me um cigarro
 Diz a gramática
 Do professor e do aluno
 E do mulato sabido
 Mas o bom negro e o bom branco
 Da Nação Brasileira
 Dizem todos os dias
 Deixa disso camarada
 Me dá um cigarro.

Desejar que todos falassem e escrevessem da mesma maneira, utilizando padrões gramaticais, seria descartar a realidade do mundo, ou seja, composto pela diversidade social, em relação à raça, crença, idéias, classes econômicas e, principalmente, a linguagens dialetais diversificadas.

Segundo o dicionário Aurélio, norma é “aquilo que se estabelece com base ou medida para a realização ou avaliação de alguma coisa”. (AURÉLIO: 1998, p. 457). Já no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* de Francisco da Silveira Bueno, norma é “a disposição legal que não pode ser modificada pela vontade particular. (BUENO: 1986 p. 778). De acordo com Faraco, norma não é apenas “um conjunto de formas lingüísticas”, mas também, principalmente, “um agregado de valores socioculturais articulados com aquelas formas”. (FARACO: 2004 p. 40).

A norma culta é a expressão utilizada pelo segmento mais culto e influente de uma sociedade (como as emissoras de rádio e televisão, painéis, anúncios etc.). Ela resulta da prática social, correspondendo à fala dos segmentos mais favorecidos socialmente. (cf. Sacconi: 2004). Esta norma atua sobre as representações que os falantes têm do que seja o uso correto da língua determinando assim o modo de falar, ou seja, o que eles consideram como

certo e o que consideram como errado. Além disso, a norma culta está ligada à gramática normativa, que é considerada por muitos como a ideal a ser seguida. Com a instrumentação da gramática em mecanismo ideológico de poder e de controle de uma camada social sobre as outras criou-se uma falsa consciência de que os usuários da língua precisam da gramática normativa, tornando esta como um corpo de leis para reger o uso da linguagem. (cf. Bagno, p. 39).

Isso fez e faz com que as pessoas se sintam desprestigiadas por não saberem falar as expressões das classes sociais dominantes que são evidenciadas principalmente pelos veículos de comunicação, considerando tudo o que escapa do domínio lingüístico descrito pelas gramáticas normativas como “errado” ou “feio”, valorizando as pessoas que sabem falar de acordo com ela e criando assim o mito da “ascensão social”, que faz com que se crie uma ilusão de pensar que as pessoas que sabem falar bem e de acordo com a gramática normativa têm mais chances de subir na vida e se destaquem socialmente e profissionalmente em relação às camadas sócias inferiores que não sabem falar de acordo com a gramática.

A norma padrão tem um conceito tradicional idealizado pelos gramáticos, considerada como uma diretriz até certo ponto para o controle da representação escrita da língua, sendo considerado errado o que não segue esse modelo. É aquela que distancia da realidade dos usos, não é a língua materna de ninguém, por isso é uma representação da língua, um ideal a ser seguido. Ela é considerada como uma tentativa de conservação das formas lingüísticas ultrapassadas, que não são nem melhores e nem mais bonitas, apenas consagradas pelo uso das classes dominantes.

Ela ocupa esse local de prestígio, não por causa de suas qualidades intrínsecas, mas por razões históricas, sociais e políticas que levaram seus falantes a ocuparem o posto de classe dominante dentro da sociedade.

Muitos lingüistas brasileiros defendem uma reformulação da norma-padrão tradicional, para que já comece a aceitar como validas e corretas às formas inovadoras, surgidas do português brasileiro, tratando simplesmente de reconhecer que a norma-padrão não existe e que, portanto, não se devem excluir cidadãos brasileiros por não respeitarem seu uso.

Os mitos da Língua Portuguesa

Para focalizar o que seja “mito”, entende-se algo como se fosse verdadeiro, sem desconfiança, acreditando que não existe outra verdade além daquela. A fim de uma melhor compreensão entre o que é certo e errado, Marcos Bagno deixa evidente a questão dos mitos impostos pela sociedade tradicionalista, tais como “A língua portuguesa apresenta uma unidade surpreendente”. Segundo essa crença, não se leva em conta que o Brasil é um país de “misturas” de raça, crença e cultura, influenciando no modo de “adoção” da linguagem em meio a tantos dialetos diversificados. (cf. BAGNO, 2005).

Dizer que “Brasileiro não sabe português e que só em Portugal se fala bem português” (BAGNO, 2005, p.20) é uma visão antiga, talvez uma “bobagem” que foi transmitida de geração para geração pelo ensino tradicional da gramática ou simplesmente por comodidade e uma razão histórica, em ter sido uma colônia de Portugal. Uma semelhança adquirida entre a língua “Brasileira” e a “Portuguesa” é a escrita formal, encontrada na ortografia. Já oralmente, a língua falada em Portugal diferencia-se do Brasil, considerando termos de uma mesma escrita, mas que possuem significados e pronúncias diferentes em cada um desses dois países.

Acredita-se que “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, o que se trata de um problema sócio-político, desprovido de uma questão lingüística, ou seja, as pessoas que não tem acesso a uma educação qualificada são vistos discriminadamente pelos gramáticos tradicionalistas.

Para reforçar a idéia de que “Só em Portugal se fala bem português” entra também a questão de que “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão” pelo fato de esta cidade conservar alguns arcaísmos, os quais coincidem com a língua falada em Portugal.

Outro mito utilizado na formação da língua é “O certo é falar assim porque se escreve assim”. Para isso, há um termo chamado “variação”, em que pessoas de diferentes regiões se comunicam de formas diferenciadas desobedecendo verbalmente o que a gramática nos transmite.

A confiança de que “É preciso saber gramática para escrever bem” com o tempo vai acabando, pois passam a surgir descobertas de escritores famosos que não seguem ou ate mesmos não sabem usufruir corretamente da Gramática, e nem por isso deixam de escrever bem.

O mito “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social” pode ser comparado com o primeiro, em que ambos tratam das sérias questões sociais, referente às desigualdades impostas por uma sociedade hipócrita. A fim de “melhor” compreender este aspecto, considera-se o exemplo em que o professor, mesmo sendo formado e sabendo administrar bem a língua Portuguesa, não influenciará em ser bem assalariado, diferenciando-

se de um fazendeiro que mesmo sem ser bem estudado, é bem assalariado e da mesma forma, sabe se expressar normalmente. (cf. BAGNO, 2005). Para finalizar as questões dos mitos, o ultimo a ser discutido será “O português é difícil”, no tópico seguinte.

O mito “O português é difícil”

A “dificuldade” de um idioma depende de inúmeros aspectos. Primeiro, pode-se dizer que uma determinada língua é mais fácil para um determinado falante se o idioma a ser aprendido é mais próximo linguisticamente de seu idioma nativo. Os holandeses entendem e chegam a falar alemão devido à semelhança. Os holandeses aprendem o inglês também por ser mais simples para eles do que o próprio alemão.

Outro “mito” apontado por Bagno e já citado anteriormente é o de que muita gente define o português como uma língua muito difícil. Essa afirmação preconceituosa é derivada de outra pior ainda. A de que “brasileiro não sabe português”. Para a maioria, o ensino da língua sempre se baseou nas normas gramaticais de Portugal, as milhares de regras que aprendemos na escola, na sua maioria não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos o tempo todo. Daí então surge o mito totalmente equivocado de que “português é muito difícil”.

Se temos tanta gente repetindo que “português é muito difícil” é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso brasileiro do português utilizado no vocabulário da população. Não é por nada que tanta gente termina o ensino médio sem fazer idéia de como redigir uma redação ou o que quer que seja.

Bagno enfatiza que “no fundo, a idéia de que o português é muito difícil serve como mais um dos instrumentos de manutenção do status das classes sociais privilegiadas”. Esse enigma chamado língua portuguesa, só se revela aos poucos que sabem os segredos exatos para fazê-la manifestar-se.

“Português é muito difícil”, levando em consideração ser esta a frase mais ouvida pelo professor da disciplina. A mesma tem seu grau de veracidade caso se continue a propagá-la em sala de aula, como forma de coerção e supremacia dos professores para com seu alunado. Do contrário, devem estes mesmos professores conscientizá-los de que todo falante nativo de uma língua sabe essa mesma língua. Precisa-se fazê-los observar que toda essa questão vai além de suas vontades e que se faz necessário uma reavaliação no ensino do português, levando em consideração a realidade da língua falada no Brasil. Quanto a isto ressalta Bagno:

“No dia em que nosso ensino de português se concentra no uso real, vivo e verdadeiro da Língua Portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem”. (BAGNO, 1999, p. 35).

São muitos os exemplos de regras da nossa língua que, embora não mais se justifiquem na gramática intuitiva do falante, continuam a ser cobradas em nosso ensino tradicionalista. Bagno denomina-os de “Dinossauros Lingüísticos” (BAGNO, 1999, p. 35). O tradicionalismo dos que se obstinam em fazer decorar regras que ninguém mais utiliza faz com que o estudante conclua o Ensino Fundamental e o Médio em meio à vergonha e frustração de quem não aprendeu, em onze anos, a sua própria língua materna. Conclui Bagno quanto a esta temática:

Não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos. (BAGNO, 1999, p. 38).

O Português Brasileiro

A competência lingüista corresponde a uma saber histórico, o qual consiste em falar uma língua de acordo com a tradição lingüística historicamente determinada de uma comunidade. Essa competência identifica variedades que ocorrem numa língua histórica, ou seja, variedades regionais, que são os dialetos; variedades sociais, que são os estratos sociais falados pelos diversos componentes de uma sociedade; e o falar regional, lembrando, que o ato lingüístico é típico de uma região.

O padrão ideal é uma regra de comportamento para a qual tendem os membros da sociedade, mas nem todos cumprem. (cf. RODRIGUES, 2002, p.13). Nem mesmo os professores de Língua Portuguesa escapam desse problema, ou seja, os docentes, na maioria das vezes, não utilizam a gramática nas falas do seu cotidiano e até mesmo dentro da sua área de trabalho, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (1) Me conta como foi o fim de semana.
- (2) Te enganaram, com certeza!
- (3) Me explica uma coisa: você largou o emprego ou foi mandado embora?
- (4) Tive que levar os gatos, pois encontrei eles bem machucados.
- (5) Acho que já lhe conheço, rapaz.

Ao invés de usar assim:

- (1a) Conta-me como foi...
- (2a) Enganaram-te...
- (3a) Explica-me uma coisa...
- (4a) Pois os encontrei...
- (5a) Acho que já o conheço.

Para os lingüistas o que normalmente acontece são transgressões à norma culta, ou seja, quando uma pessoa fala: “Olha eu aqui” e não “Olha-me aqui”, não quer dizer que ela cometeu um erro, na realidade, transgrediu a norma culta. Podemos levar em conta o momento do discurso, que pode ser íntimo, neutro e solene. O momento íntimo é aquele que temos uma liberdade na fala, isto é, quando falamos entre amigos, parentes, namorados, etc., logo, são consideradas normais, como por exemplo:

- (6) Eu não vi ela hoje.
- (7) Deixe eu ver isso!
- (8) Não assistir o filme e nem vou assisti-lo.

No momento neutro, o que prevalece é a norma culta, ou seja, segue as normas estabelecidas pela gramática. Esse momento é mais utilizado nos veículos de comunicação em massa. Neste momento, os exemplos citados acima ficam desse jeito:

- (6a) Eu não a vi hoje.
- (7a) Deixe-me ver isso!
- (8a) Não assistir ao filme nem vou assistir a ele.

O momento solene é aquele da arte poética, que são caracterizados por construções de rara beleza. De acordo com esses momentos, seria vantajoso eliminar do vocabulário escolar palavras como “correto” e “corrigir”, pois o que deveria ser feito era converter a língua popular para a culta de uma maneira mais convencional. “O fato de que é o povo que faz a língua não quer dizer que se deva aceitar tudo o que venha a ser criado pelo povo. A língua pressupõe também cultura e , às vezes, o próprio povo se enquadre dentro do espírito da língua como evolução natural” (IGNÁCIO, Art. “Língua escrita e falada. Nível da linguagem).

A principal consequência do surgimento da gramática tradicional diz respeito à questão do erro, ou seja, tudo que não estivesse de acordo com as regras da gramática, era considerada “feia”, “estranha”, “estropiada”, etc. Com isso foi surgindo um grande problema com essa noção ultrapassada, pois nos estudos dos lingüistas modernos foi descoberto que

simplesmente não existe “erro de português”, mas sim um uso da língua diferente das gramáticas tradicionais. (cf. Neves, 2004).

Quando se fala de língua, só se pode chamar de erro aquilo que compromete a comunicação dos interlocutores. Se por acaso uma pessoa falar: “Nós plantar arroz vamos” por mais informal que seja, ninguém vai dizer que não entendeu o que ela quis dizer, pois uma análise lingüística mais rigorosa vai demonstrar com toda clareza e com argumentos mais convincentes que a construção “nós plantar arroz vamos”, tem regras gramaticais próprias e segue portanto uma sintaxe que é diferente daquela que está registrada nas gramáticas.

Na língua nada é por acaso, tudo tem uma explicação. Os falantes brasileiros de origem rural ou sem escolaridade que pronunciam “broco”, “pranta”, ingrês (diferentes dos falantes cultos) realizam está pronuncia simplesmente pelo fato deles falarem de acordo com o meio que eles vivem. Quando se fala a palavra “erro”, a impressão que fica é que a pessoa erra por falta de inteligência.

Outro problema a ser tratado é a questão dos erros de ortografia que, para a maioria dos lingüistas, esses “erros” na ortografia, na verdade, são um desvio ortográfico. Sabendo disso, é extremamente importante que o professor esteja sempre consciente de que o aluno que comete esses desvios precisa de exercícios, treinamentos, pois essa competência é adquirida, ao contrario das competências que surgem com naturalidade.

A posição dos Gramáticos (Tradicionalistas x Sociolingüistas)

Na visão de Marcos Bagno, existe uma disputa entre duas perspectivas distintas, dois modos diferentes de encarar o fenômeno da linguagem: a doutrina gramatical tradicional e a lingüística moderna. (cf. BAGNO, 2005). Ele é a favor de que todas as disciplinas façam uma abordagem crítica dos saberes do passado, mostrando a evolução da sociedade, coisa que os gramáticos tradicionais não aceitam. Os termos e conceitos da gramática tradicional continuam intactos de uma geração de alunos a outra, como se não tivesse existido nenhum estudo sobre a linguagem. O sociolinguista afirma que a língua deixou de ser fato concreto para se transformar em valor abstrato.

Numa entrevista à Revista Veja Maria Sylvania de Carvalho Franco, diz que não aceita o argumento de que a língua falada é dinâmica, defendendo a Gramática Tradicional, dizendo que ela existe e que têm significados definidos, por isso são estruturas que devem ser respeitadas, senão a língua desaparece, vira um dialeto incompreensível. (cf. VEJA, 2006).

Para Bagno, por exemplo, Napoleão Mendes de Almeida é uma espécie de arquétipo folclórico do gramático autoritário, conservador e intolerante. Seus textos são cheios de preconceitos sociais, racionais, lingüísticos, etc. (cf. BAGNO, 2005). O gramático tradicionalista escreveu no Dicionário de Questões Vernáculas, no verbete “lingüística”:

Para fixar inúteis, pretensiosas e ridículas bizantinice, perde o estudante o tempo que deveria dedicar ao conhecimento efetivo da língua. [...] Que adorno cultural representa um diploma de lingüística a quem escreve, ou deixa meia dúzia de vezes passar num mesmo artigo de jornal, os mais tolos erros de gramática? [...] Enganam-se os pais, enganam-se os filhos quando pensam estar a escola, a faculdade ensinando gramática, ensinando a língua da terra porque no programa consta “lingüista”. O objeto da lingüística é a língua no sentido da fala, de dom de expressar o homem por palavras o pensamento; é um estudo sem utilidade específica para este ou aquele idioma. [...] é a lingüística um dos estorvos do aprendizado da língua portuguesa em escolas brasileiras. (ALMEIDA, 1998).

Quando Napoleão morre, outro gramático tradicionalista, Pasquale Cipro Neto, que publica artigos na Folha de São Paulo, teceu comentários acerca do estilo rebuscado e barroco de Napoleão:

Talvez por isso, os lingüistas autoproclamados de vanguarda o têm como conservador e consideram inútil o estudo de sua obra. Meticuloso, Napoleão era essencialmente gramático e como tal deve ser encarado. Muita gente o admira e respeita, sobretudo por seu curso de português e latim por correspondência.” E conclui o artigo com estas palavras: “Uma coisa, porém, é incontestável: quem quiser estudar o português ortodoxo certamente precisará consultar a obra de Napoleão. (PASQUALE, 1998, Folha de São Paulo).

O maior gramático brasileiro vivo é Evanildo Bechara. Ele faz parte da Academia Brasileira de Letras, é um ideário conservador e elitista, sendo Pasquale mais conservador e elitista que ele, segundo Marcos Bagno. (cf. BAGNO, 2005). O sociolingüista fala que, quando Pasquale se refere aos lingüistas é sempre por meio de ofensas. Ele comenta que a “raiva” de Cipro Neto é porque o gramático não tem como responder às críticas que recebe por parte dos pesquisadores, dos teóricos e dos educadores empenhados num conhecimento melhor da realidade lingüística do nosso país. (Cf. BAGNO, 2005).

Quando Marcos Bagno foi questionado por um estudante de Jornalismo da Universidade Tiradentes, em Sergipe, a respeito do professor Pasquale, que tanto defendia o uso do português padrão e era idolatrado pela mídia, assim respondeu:

O trabalho do docente Pasquale Cipro Neto é um desastre ecológico. Ele não tem formação científica nenhuma, não se baseia em pesquisas rigorosas, não dá ouvidos às propostas dos educadores e cientistas sérios que se dedicam ao estudo e ao ensino de língua no país. Em suma, é um professor de cursinho, isto é, um animador de auditório que ensina macetes mas que não educa em nada, que conseguiu notoriedade nacional ao transferir o “modo cursinho de ser” para os meios de comunicação. Ele é tão limitado, tão reacionário que continua

condenando formas lingüísticas que os bons gramáticos e dicionaristas há mito já aceitaram como formas legítimas de expressões, inclusive na escrita culta. (BAGNO, 2003).

A lingüística para os sociolingüistas, como toda ciência, é o lugar das surpresas, das descobertas, do novo, da reformulação crítica das teorias. Para Bagno, o principal motivo dos ataques que os lingüistas brasileiros vêm sofrendo é devido à transformação da Gramática Tradicional num instrumento de dominação e exclusão social, causado pelos auto-intitulados “filósofos”, que na realidade, representam as classes mais conservadoras, contra qualquer democratização da sociedade. (cf. BAGNO, 2005).

Na atualidade um dos mais renomados estudiosos da área lingüística é Marcos Bagno, entretanto sempre se encontra em atrito com a visão das gramáticas e dos gramáticos. Ele defende a idéia de que “não existe nenhuma país do mundo que não seja multilíngüe. A diversidade lingüística é saudável, ela implica pluralidade cultural, diversidade de visões de mundo, e querer que todas as pessoas pensem do mesmo modo é dogmático.” (BAGNO, 2003).

Considerações Finais

De acordo com os assuntos aqui discutidos a respeito da Linguagem, a Língua Portuguesa tem sofrido inúmeras distorções dialetais, as quais foram caracterizadas por usos informais da Norma Culta e sendo atribuídas através de uma sociedade vítima de Preconceito Lingüístico.

Para melhor solucionar as maneiras de compreender a linguagem, o professor deve convencer-se de que uma língua histórica está dividida em várias línguas, de acordo com as variedades regionais, sociais e estilísticas. Se o docente defende que para democratizar o ensino é tornando o aluno não iludido com a Norma Culta, achando que a Língua deve ser livre, usando e abusando desta informalmente, é distorcer o pleno respeito que se obtém sobre ela. Não, o educador deve fazer com que o aluno aprenda o maior número de usos possíveis, sabendo identificar e escolher as maneiras exemplares para os momentos de maior necessidade, onde ele possa se expressar com responsabilidade cultural, política e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: Tradição Gramatical, Mídia e Exclusão Social**. São Paulo: Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. **Português Brasileiro: um convite à pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Parábola, 2001.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos: Ensino de Língua x Tradição Gramatical**. São Paulo: Mercado de Letras, 1997.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 11ª ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

FARACO, Carlos Alberto. “**Norma-padrão brasileira**”. In Bagno, M. (org). **Lingüística da norma**. São Paulo: Loyola, 2004.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. “**Ideologia emburrece**”. Veja. São Paulo: Abril, ed. 1963, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que Gramática estudar na escola: Norma e uso na Língua Portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

<http://www.portrasdasletras.com.br>

<http://www.sergipe.com.br/balaiodenoticias/entrevistaj35.htm>

<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/jd211120011.htm>